

Artigo referente à CONFERÊNCIA 2 – Políticas de Identidade – Curso Diversidade Sexual e Igualdade de Gênero

“AS (RE) CONFIGURAÇÕES DO GAUCHISMO” PENSANDO AS RELAÇÕES ENTRE O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO E A ESCOLA

Ceres Karam Brum*

O Gauchismo e o tradicionalismo

O tradicionalismo gaúcho é hoje considerado por seus membros como o maior movimento cultural popular do mundo. Esta informação é veiculada nos discursos das sessões solenes que pontuam a abertura e o encerramento da maior parte de suas atividades, bem como por políticos e demais autoridades. O antropólogo Ruben George Oliven, (2006: 122), baseado nas informações de Barbosa Lessa (1985: 98), se refere à participação direta de dois milhões de pessoas, no tradicionalismo e o *site* do Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG) menciona a existência de 1400 entidades tradicionalista filiadas à entidade. Neste sentido, os dados permitem constatar que o gauchismo (em suas mais variadas expressões) movimenta milhares de pessoas em suas datas comemorativas e inúmeras atividades.

Segundo Maciel (1994: 8 e 102), por gauchismo é preciso compreender diversas manifestações culturais que têm o gaúcho como ponto de referência e que jogam sobre essas representações, expressindo um sentimento de pertencimento. Sua diferença com as outras dimensões do regionalismo é que o

* Antropóloga. Professora Adjunta do Departamento de Fundamentos da Educação UFSM.
ceresk@erra.com.br

O projeto de pesquisa *O Movimento Tradicionalista Gaúcho e a escola. Perspectivas pedagógicas e educacionais. Uma análise antropológica das (re)configurações de identidades plurais.*, CE/UFSM,2006.de minha autoria está sendo se desenvolvido no DOM – Grupo de Estudos em Antropologia e Educação. CE/UFSM.

gauchismo não quer estudar ou escrever sobre o gaúcho. Ele pretende oferecer um culto às tradições por “encarnação” de uma imagem do gaúcho. A personificação do gaúcho, efetuada pelos tradicionalistas, pretende representar o “verdadeiro” gaúcho e eles se dão o título de “guardiões” de uma pureza em nome de uma “autenticidade”. Segundo a perspectiva da autora, também fazem parte deste universo de culto, intelectuais e literatos que se preocupam com as tradições regionais¹, através da exaltação da terra e do homem como fazem, por exemplo, os poetas membros da Estância da Poesia Crioula - EPC (uma espécie de academia regionalista das letras gaúchas), os poetas e músicos que participam dos festivais nativistas, muitos deles também membros da EPC, os participantes dos Centros de Tradições Gaúchas CTG's e dirigentes do Movimento Tradicionalista Gaúcho, alguns folcloristas e dirigentes da FIGTF (Fundação Instituto de Tradição e Folclore), bem como o próprio público consumidor dessas obras e eventos.

O movimento tradicionalista gaúcho ou apenas tradicionalismo, como manifestação do gauchismo, pode ser entendido como um conjunto de atividades organizadas e regulamentadas que objetivam celebrar a figura do gaúcho e seu modo de vida em um passado relativamente distante, tal como os participantes e, sobretudo, os pesquisadores (tradicionalistas) do movimento o percebem e o definem em seus escritos, instituindo práticas de culto em torno das quais se glorifica um passado continuamente atualizado e interpretado no presente.

O tradicionalismo, originariamente, é comum às regiões onde hoje se localizam a Argentina, o Uruguai e o estado do Rio Grande do Sul. Territórios em que historicamente é referida a presença do gaúcho identificado à vida rural, cuja principal atividade econômica consistia no apresamento de gado xucro para a comercialização do couro.

¹ Maciel (1994: 500) efetua a distinção entre gauchismo e regionalismo gaúcho ao analisar a expansão do tradicionalismo gaúcho pelo Brasil. Conforme a autora, apenas o primeiro pode se estender a outros estados como modalidade de culto às tradições, enquanto o segundo atuaria como critério de reconhecimento e seria o autêntico culto às tradições realizado apenas dentro do estado que o originou, na perspectiva de delimitar identidade regional com relação ao espaço da região.

Para Teixeira (1988: 53), o termo gaúcho teve uma trajetória semântica notável. De início significava contrabandista, vagabundo, anti-gregário, incivilizado, anti-social. Hoje, passou a significar valores positivos em grau aumentativo. Mas, apesar de o gaúcho ser comum a essas três regiões, o movimento tradicionalista apresenta particularidades locais bem marcadas a começar pelas questões de pertencimento que enseja. O gaúcho, no Uruguai e na Argentina, é apropriado e festejado pelos tradicionalistas daqueles países como uma figura emblemática nacional (Garavaglia, 2003: 145-146) e, no Rio Grande do Sul, é representado como um sinal diacrítico para a construção das identidades regionais em relação às identidades nacionais brasileiras (Oliven, 2006).

O tradicionalismo gaúcho do Rio Grande do Sul, enquanto movimento, se expande por vários estados do Brasil, sendo lá cultuado por gaúchos, descendentes e também por simpatizantes. Atualmente, há entidades tradicionalistas organizadas dentro e fora do Rio Grande do Sul, que se espalham por todo mundo. Segundo os tradicionalistas o culto às tradições gaúchas ocorre em Nova Iorque, em Lisboa, Paris e no Japão como consequência da 'diáspora' dos gaúchos rio-grandenses pelo Brasil e pelo mundo (Kaiser, 1999)

O responsável pelas atividades tradicionalistas no Rio Grande do Sul é o Movimento Tradicionalista Gaúcho definido, em seu site, como segue:

É uma entidade associativa, que congrega mais de 1400 Entidades Tradicionalistas legalmente constituídas, conhecidas por Centro de Tradições Gaúchas ou Grupos Nativistas ou Grupo de Arte Nativa ou Piquete de Laçadores ou Grupos de Pesquisas Folclóricas ou outras denominações, que se identifiquem com a finalidade a que se propõe, que são as "entidades fins". As entidades tradicionalistas filiadas ao MTG estão distribuídas nas 30 Regiões Tradicionalistas, as quais agrupam 500 municípios do nosso Estado. É um movimento cívico, cultural e associativo. Sua sede é própria e está situada à rua Guilherme Schell, nº 60 no Bairro Santo Antônio em Porto Alegre. (...) O MTG é definido como uma entidade civil sem fins lucrativos, dedica-se a preservação, resgate e desenvolvimento da cultura gaúcha, por entender que o tradicionalismo é um organismo social de natureza nativista, cívica, literária, artística e folclórica, conforme descreve simbolicamente o Brasão de Armas do MTG, com as sete (7) folhas do broto, que nasce do tronco do passado. (www.mtg.org.br).

Vários estudos já foram realizados a respeito do regionalismo no Rio Grande do Sul especialmente sobre as expressões do gauchismo e, sobretudo, o

movimento tradicionalista gaúcho na tentativa de caracterizá-lo.² Neste sentido, Oliven (2006: 97), menciona um modelo em que se baseia o culto às tradições gaúchas, analisando as relações entre o regional e o nacional, examinando o caso da construção das identidades no Rio Grande do Sul em relação ao Brasil. Para ele as tradições gaúchas têm como referencial um cenário rural, num tempo das origens em que se move um homem livre em oposição ao mundo urbano opressor da atualidade. As tradições gaúchas podem ser apropriadas e revividas de diversas formas. Elas remetem fundamentalmente a um passado histórico recriado no presente por grupos e pessoas que reverenciam a figura do gaúcho e que se expressam através de práticas e representações. Conforme o tradicionalista Edson Otto:

- O MTG também foi repudiado no começo, era inclusive. Havia gente que descobriu “entre guampas” que a sigla CTG queria dizer Cemo Tudo Grosso (risos). É lógico que há mais facilidade de os centros de tradições trazer os grossos também, é que eles não são repudiados no meio tradicionalista. Tradicionalismo não repudia nada, nem cor, nem religião, nem aspecto econômico social. Nós temos dentro dos CTG's criaturas assim de guaiacas recheadíssimas e gente que nem guaiaca tem, porque não pode comprar. Brancos, pretos, intelectuais da mais alta nomeada, como o Lessa, reconhecido hoje como um dos mais importantes gaúchos que nós tivemos em intelecto e temos os analfabetos, temos todo o tipo de gente, então esse amálgama que vem construindo o tradicionalismo que vem galgando posições muito grandes a partir de quando, a partir do reconhecimento que houve fora do RS, de um reconhecimento que houve fora do país.(Diário de campo 20/09/2002)

A fala de Otto ilustra sua visão da recepção do tradicionalismo e tenta descontruir o gauchismo como um nicho de conservadorismo e incivilidade, relativo a pessoas “incultas”. O CTG é exaltado como um espaço de democracia racial, religiosa e econômica, cuja união dos participantes ocorre pela celebração do gaúcho, por seus feitos passados. Trata-se de um território construído para a vivência do típico que, ao ser reconhecido fora do Rio Grande do Sul, passa a ser

² Além do livro *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação* de Ruben George Oliven (1992) e re-editado em 2006, cabe citar os trabalhos produzidos por professores e alunos do PPGAS-UFRGS. sobre a questão regional no RS, focalizando a figura do gaúcho, como as teses de doutoramento de Ondina Fachel Leal (1989) *Gaúchos: male culture and identity in the pampas*; e Maria Eunice Maciel (1994) *Le gaúcho bresilien. Identité culturelle dans le sud du Brésil*. Acerca dos tradicionalistas como produtores de representações sobre o passado dedico um capítulo de minha tese defendida no PPGAS/UFRGS (2005). Ceres Karam Brum, “Esta terra tem dono”. Uma análise antropológica de representações produzidas sobre o passado missionário no Rio Grande do Sul. Texto publicado pela editora da UFSM em 2006.

respeitado internamente, constituindo-se como *lócus* por excelência do culto às tradições no estado.

O Tradicionalismo: dimensão educacional

Logicamente, a aquisição desta dimensão do autêntico culto do gaúcho, pelo tradicionalismo como movimento organizado, em termos de sua conquista pelo monopólio do poder de nomear, na perspectiva a que se refere Pierre Bourdieu em *O poder simbólico* (1989), requer dos tradicionalistas um esforço constante que caracterizo como sua dimensão educacional e de atuação pedagógica. Isto se dá dentro e fora de territórios reconhecidos como espaços tradicionalistas, visando tanto a formação dos jovens tradicionalistas como a ampliação de seu universo de culto. Para Manoelito Carlos Savaris, presidente do MTG:

- O CTG tem lá o foco, qual é: preservação, resgate e divulgação da história, dos aspectos históricos, folclóricos e evidentemente tradicionais. Há todo um estímulo para que os CTG's façam essa volta lá atrás e representem diversos aspectos no hoje. Como é que nós podemos fazer isso? Nós podemos fazer isto de muitas formas, mas a forma que nós encontramos mais fácil e que mais cala, que mais tem significado nas pessoas é via dança, via música e via dança. Claro que também algumas iniciativas de teatro. Tem algumas iniciativas muito interessantes da área do teatro nos CTG's, tá. Mais isso via dança, via representação que na verdade é quase um teatro, é que eles fazem. De pegar determinados aspectos do folclore, da história e representá-los hoje, fazendo uma viagem no tempo. Então esta relação da história como uma coisa inanimada, uma coisa distante inatingível quase pra muitas pessoas, ta! Se corporifica nestas atividades que são feitas, porque nós entendemos que é mais fácil se ensinar história, fazendo utilizando um grupo de dança pra fazer a reconstrução. Por exemplo, no ENART do ano passado um CTG de Porto Alegre o Raízes do Sul representou a Guerra Guaranítica, certo? Aquela representação deles ali ela foi uma aula de história melhor do que muitas palestras que nós pudéssemos fazer para aquela juventude e não só das pessoas que fizeram a apresentação e das famílias envolvidas nisso porque tem ali doze pares, doze jovens dançando, mais seis ou sete na parte da música, então são então trinta pessoas, mas estas trinta pessoas carregam consigo pelo mais três ou quatro cada um. Já chegamos a 100, 130 pessoas envolvidas naquele processo e comprendendo como é que aquele fato se deu na história e isso se apresenta lá no ENART que todo mundo vê e isso desperta curiosidade, desperta interesse de leitura, desperta interesse de saber como é que foi, desperta discussão também de que não foi bem assim e isso também é importante.(Entrevista k7 1 lado B)

As palavras de Savaris se relacionam a utilização do passado efetuada pelos grupos de dança tradicionais do estado, como um recurso pedagógico a serviço do tradicionalismo gaúcho. Neste sentido, o CTG pode ser pensado como um espaço de educação informal, em que se comunicam múltiplos saberes. Assim como nesse episódio, a história é produzida pelo grupo para ser introjetada como mito, conforme se refere Marc Auge em *Le temps em ruines* (Augé: 2003, 28). Outros aspectos da cultura regional como a culinária, as vestimentas e a utilização de inúmeros símbolos, passando por elementos do folclore como as danças tradicionais recriadas nos espaços dos CTG's e nos concursos tradicionalistas, também são utilizados.

Esta constante referência ao passado, em busca da afirmação das identidades pelos tradicionalistas como grupo remete aos Centros de Tradições Gaúchas como espaços ritualizados. Na perspectiva de Claude Rivière, em *Ritos Profanos* (Rivière: 2000, 75) o rito se aproxima da cerimônia. A representação ritual extrapola a questão da manutenção da ordem, remetendo a repercussões afetivas como fator unificador do social, em que se percebe o jogo das diferenças e hierarquias.

Nas representações do gaúcho tradicionalista há todo um conjunto de comportamentos e valores, referidos pelos tradicionalistas como ética que permeia suas atividades nas representações do que é ser gaúcho e de como se devem cultuar as tradições¹.

No caso apresentado acima, o caráter a criação se insere e tem por objetivo o concurso de danças, que segundo o regulamento do ENART² consiste na apresentação pelas invernadas artísticas de três danças tradicionais sorteadas do *Manual de Danças* de Paixão Cortes e Barbosa Lessa, perante a comissão avaliadora.

¹ Há um documento denominado Código de Ética Tradicionalista cujo objetivo é regrar “a conduta social das pessoas físicas que atuam no meio tradicionalista sob a orientação do MTG”. *In Coletânea da Legislação tradicionalista* (MTG: 2001, 120).

² O ENART - Encontro de Arte e Tradições Gaúchas ocorre anualmente em Santa Cruz do Sul, RS.

Nesta perspectiva, é necessário perceber os processos educacionais e pedagógicos do tradicionalismo, que visam à formação dos jovens tradicionalistas e de suas famílias no seio dos CTG's. Isto se dá através do tornar-se tradicionalista (participação nas atividades do CTG), cursos promovidos pelo MTG e demais instâncias tradicionalistas, além de sua inserção nas escolas, estabelecendo um novo território tradicionalista e possível reproduutor de sua filosofia e modelos comportamentais.

Constituem-se em atividades tradicionalistas as referidas como eventos oficiais do MTG que ocorrem anualmente: o Congresso Tradicionalista, Convenção Tradicionalista, ENART, Festa Campeira, Concurso de Prendas, bem como o conjunto de atividades que se desenvolvem dentro dos CTG's, como por exemplo os fandangos, os ensaios dos grupos de danças tradicionais, os saraus de prendas, os concursos internos dos CTG's, entre outros. Sobre os concursos de dança, uma prenda assim se expressou:

- Eu dançava lá em Uruguaiana e nunca participei de ENART, nem pensava em concurso, nem por isso eu achava menos importante ou gostava menos de dançar. Eu acho que te motiva assim, tu passa o ano inteiro esperando este momento, e depois que tu sai daqui tu sabe que tu pode ter uma semana de folga, mas depois tu vai tocar de novo pro ano que vem e assim tu vai indo, quando tu vê fazem 10 anos que tu dança (ENART 2001, K-7 1).

É nestes eventos (concursos, festas, seminários/cursos) e no cotidiano do CTG que ocorre a vivência dos jovens tradicionalistas, o que caracterizo como um processo educacional que leva ao desenvolvimento de atividades tradicionalistas e produção de uma série de representações do ser tradicionalista, que busca afirmar suas identidades grupais, através de uma “inserção e imersão” individual de seus membros, neste universo.

A educação é aqui entendida na perspectiva apresentada por Carlos Rodrigues Brandão em *A educação como cultura*:

(...) Uma dimensão ao mesmo tempo comum e especial de tessitura de processos e de produtos, de poderes e de sentidos, de regras e de transgressão de regras, de formação de pessoas como sujeitos de ação e de identidades e de crises de identificados, de invenção de reiterações de palavras, valores, idéias e de imaginários com que nos ensinamos e aprendemos a sermos quem somos (...) (Brandão: 2002, 25)

Para o autor a educação está inserida no âmbito da cultura, não se restringindo a escolarização. Neste sentido, o tradicionalismo como movimento cultural organizado possui dimensões educacionais perceptíveis nas suas representações, como no caso da produção da arte tradicionalista:

- "Prá nós é. Tem maneiras de cultuar. Tem gente que não concorda, que acha que não é assim. Eu, como curso Desenho e Plástica na universidade, tenho duas formas de ver a arte: eu vejo como dançarina, dançar prá mim é o máximo, eu acho que isso é artístico, as pessoas estão num palco são bailarinos, por esse lado do trabalho, do ensaio eu vejo como arte. Agora vendo dentro do contexto da arte, do que os artistas falam dançar não é uma arte, no conceito deles não: dançar é dançar, é um divertimento a arte é outra coisa bem diferente é estudo de pintores, de filósofos. E outra consideração é de que por trás da nossa dança tem uma baita parte histórica. Tem um lado histórico, mas há tempos atrás isso era comum, era corriqueiro, não era arte. Prá nós agora que estamos fazendo uma representação do passado, agora nós achamos que é uma arte, antes não era uma arte era o convívio, o dia a dia das pessoas, iam num baile dançar." (ENART 2001, K-7 I).

A fala da *prenda*³ é elucidativa, pois remete a dois tipos de classificação. Uma reconhecida por ela como a erudita, que exclui a dança de modo geral como arte, e uma outra valorizadora de suas peculiaridades onde insere a dança tradicionalista, por seu caráter como arte, no sentido de que, esta faz uma leitura do passado. Não é o tradicionalismo que é arte. Dançar em *fandango*, por exemplo, não o é por seu caráter de divertimento. Segundo ela, o caráter histórico e a produção da representação conduzem a arte, bem como o trabalho de criação e aperfeiçoamento técnico, abrangendo os dois critérios, a criatividade e a técnica.

A percepção da arte tradicionalista, através da dança pode também ser interpretada como produção de conhecimento com fins educacionais, no sentido de oferecer uma leitura do passado, através da linguagem tradicionalista, construindo um universo de culto às tradições, inclusive para não tradicionalistas que assistem a encenações, por exemplo. A arte tradicionalista se relaciona à produção de um universo imaginário pedagogizado para se viver o mito do

³ Prenda "jóia, relíquia, presente de valor. Em sentido figurado, moça gaúcha. (Nunes: 1993, 395).

gaúcho, cuja recepção passa pela repercussão que este imaginário consegue abranger, conforme Oliven (2006: 27).

Logo, os CTG's e outros territórios tradicionalistas e do gauchismo são espaços educacionais que objetivam a reprodução do tradicionalismo e sua perpetuação como movimento cultural.

O Tradicionalismo e a escola: algumas representações

Ao analisar a história do tradicionalismo no Rio Grande do Sul, percebo que há uma busca de ampliação do universo do culto às tradições. Esta situação é justificada pelo MTG através do discurso da uma atuação social do movimento tradicionalista.

As escolas, ao incentivarem seus alunos a se vestirem a caráter - “se pilcharem”⁴, durante o mês de setembro, quando oficialmente se comemora o gaúcho como tipo característico do Rio Grande do Sul, produzem a vivência do típico, exaltando um passado heróico e belicoso. As celebrações se calcam em múltiplos elementos, tais como: a eleição de certos fatos da história para serem celebrados, (Thiesse, 2001), a afirmação do território do Rio Grande do Sul como local a que se declara pertencimento, a seleção de costumes, etc.

A presença do tradicionalismo, nas escolas muitas vezes extrapola o mês de setembro. Algumas escolas no Rio Grande do Sul possuem, inclusive, Departamentos Tradicionalistas (um espaço para celebrar o típico no cotidiano da escola), com professores responsáveis por suas atividades que incluem Grupos de Danças Tradicionais Gaúchas e o seu ensino, aulas de Folclore e Tradicionalismo e temas relativos aos conteúdos programáticos de História e Geografia do Rio Grande do Sul.

⁴ O termo pilchar-se é definido por Zeno Cardoso Nunes em *Dicionário de Regionalismos do Rio Grande do Sul* (1993: 374) como o vestir-se com trajes típicos gaúchos. É importante ressaltar que o termo *pilcha*, para o mesmo autor remete a objetos de valor: “adorno, jóias, dinheiro, roupas, arreios, qualquer objeto de valor” (1993: 373).

Por seu turno, há projetos desenvolvidos por *prendas e peões* de CTG's⁵, vinculados ao Movimento Tradicionalista Gaúcho que ao apresentarem as tradições gaúchas a serem vividas na escola, o fazem de acordo com a imagem produzida e vivida como mito no CTG's.

Mas, apesar da existência de todo um conjunto de representações por parte do tradicionalismo remetendo a sua atuação junto à escola há uma contradição nestas relações que merece ser analisada.

Do ponto de vista da escola, o contato com o tradicionalismo como movimento para ser vivido no interior da mesma surge a partir da procura da própria escola como instituição através da atuação de seus professores. O caso da Escola Padre Caetano é elucidativo.

As atividades tradicionalistas, no Instituto Estadual Padre Caetano, em Santa Maria, iniciaram em 1996, através da atuação de duas professoras que participavam com suas famílias em CTG's da cidade. Sua atuação na escola partiu da constatação de que os valores tradicionalistas e seus costumes seriam importantes no processo educacional de seus alunos. Nesta escola, situada em um bairro de baixa renda, foram elaborados um projeto e uma fita de vídeo, enviadas a Secretaria da Educação do estado e ao MTG. Desta iniciativa, curiosamente, não obtiveram nenhum retorno.

Segundo os dados⁶ da 8^a Coordenadoria Regional de educação, das 123 escolas da região, 11 possuem Departamentos Tradicionalistas e cerca de 90 escolas desenvolvem atividades tradicionalistas na Semana Farroupilha e/ou durante o ano letivo.

Porém, apesar de uma confluência de tradições exaltadas e da própria representação identitária “do ser tradicionalista gaúcho” (Diário de Campo 7/08/2006), no espaço da escola, efetuada por uma das professoras, o campo do tradicionalismo dos CTG's difere muito do tradicionalismo das escolas.

⁵ Estes projetos são parte obrigatória do desenvolvimento dos concursos de prenda e peão farroupilha do Rio Grande do Sul, promovidos pelo MTG. Inegavelmente se constituem em uma aproximação do MTG das escolas, porém, estas reclamam do caráter do trabalho desenvolvido pelos jovens tradicionalistas, que muitas vezes fica inacabado, após a realização do concurso em que o jovem está envolvido.

⁶ Dados de novembro de 2005

Na escola, o ensinar os alunos a viver as tradições do Rio Grande, de acordo com as representações percebidas, passa por uma necessidade de formação dos valores e do conhecimento da história e costumes do Rio Grande do Sul do aluno, na perspectiva de uma valorização do civismo, ao viver as tradições, através de várias expressões artísticas. “Ao se envolver com o tradicionalismo, uma atividade saudável, o aluno não se envolve com o que não deve se envolver”. (Diário de campo 07/08/2006).

A representação produzida pelas professoras sobre o tradicionalismo do CTG, apesar de também fazerem parte deste universo, é bastante crítica: “os CTG’s usam as escolas na hora de montar os grupos de dança e desmantelam os nossos grupos, mas o lado bom de tudo isso é que os alunos seguem no tradicionalismo e a escola faz a sua parte de encaminhar o aluno para a cultura”. (Diário de Campo 7/08/2006).

O CTG, neste sentido, é percebido como uma instituição que se aproxima da escola para formar seus quadros de dança e para que os jovens tradicionalistas (peões e prendas) possam desenvolver seus projetos, sem que haja uma preocupação efetiva com o desenvolvimento e rumos do tradicionalismo, na escola como instituição educacional.

A (re)configuração de identidades

Para interpretar as relações estabelecidas entre o tradicionalismo e a escola é preciso inserir o gaúcho e os critérios de definição acerca de sua figura, usos e costumes na luta simbólica a que se refere Pierre Bourdieu (1989: 122) quando teoriza acerca da atuação dos regionalistas e do respectivo convencimento e reconhecimento da autoridade acerca de sua autenticidade. Com a peculiaridade dos regionalistas agregarem outras pessoas ao culto da tradição, na busca pelo monopólio de definição do gaúcho como figura representativa das identidades regionais.

No campo social gaúcho, no que concerne ao gauchismo e, especialmente ao tradicionalismo, é perceptível a atuação referida por Bourdieu. Os

tradicionalistas, ao definirem o gaúcho como figura mitificada e representativa das identidades regionais, se posicionam em termos da busca de aglutinação de novas esferas de atuação e, nesta perspectiva, há uma aproximação, formalizada ou não, por parte do tradicionalismo da escola como instituição.

A ênfase dada à vivência das identidades regionais por parte dos tradicionalistas se inscreve em um projeto consciente do culto às tradições (Brum, 2005) que perpassa a história do tradicionalismo ao longo de sua existência. O tradicionalismo como movimento organizado tem início em 1948, com a criação do 35º CTG por jovens oriundos do interior do estado em reação à influência norte-americana do pós-guerra no Rio Grande do Sul.

Pensar nas relações estabelecidas entre o tradicionalismo e a escola, requer entender sua dimensão relacional de construção das identidades sociais, somada à perspectiva da (re)configuração de identidades, conforme propõe Bela Feldmann Bianco (1997: 71). Isto remete ao caráter relacional e contrastivo das identidades que são objetos de negociação constante, entre os grupos.

Logo, analisar as relações entre o tradicionalismo e a escola implica perceber que o projeto do culto às tradições é dinamizando nas atividades tradicionalistas, de várias formas, sendo recriado nos seus eventos e concursos através do regramento de suas atividades, expresso nos regulamentos do MTG e perceptível nas narrativas tradicionalistas, em suas representações. Este projeto de culto, que se amplia à escola, não é linear de parte a parte e implica na percepção das múltiplas identidades envolvidas (professores, alunos, tradicionalistas permeado por recortes de gênero, étnico e religião, por exemplo), em processo de (re)configuração dinâmica, buscando a (re)criação e afirmação de territórios de pertencimento ao gauchismo.

Referências Bibliográficas

- AUGÉ, Marc. **Temps en ruines**. Paris: Galilée, 2003.
- BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/DIFEL (coleção memória e sociedade), 1989.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.

- BRUM, Ceres Karam. “**Esta terra tem dono**”: representações do passado missionário no Rio Grande do Sul.. Santa Maria: Ed. UFSM, 2006..
- _____. **O Movimento Tradicionalista Gaúcho e a escola. Perspectivas pedagógicas e educacionais. Uma análise antropológica das (re)configurações de identidades plurais.** Projeto de pesquisa, CE/UFSM, 2006.
- FELDMAN-BIANCO, Bela. **Imigração, confrontos culturais e (re)construção de identidade feminina. O caso das intermediárias culturais portuguesas.** Revista Horizontes Antropológicos. Nº5 Diferenças culturais. Porto Alegre: UFRGS, 1997
- GARAVAGLIA, Juan Carlos. **Gauchos: identidad, identidades.** Paris:CERMA, 2003
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro:Guanabara, 1989.
- KAISER, Jacksan. **Ordem e progresso: o Brasil dos gaúchos.** Florianópolis: Insular, 1999.
- LESSA, Barbosa L. C. **Nativismo: um fenômeno social gaúcho.** Porto Alegre: LPM, 1985.
- MACIEL, Maria Eunice. **Le gaucho brésilien: identité culturelle dans le sud du Brésil.** Tese de doutorado. Universite Paris V, 1994.
- NUNES, Zeno e Rui Cardoso. **Dicionário de regionalismos do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Martins livreiro, 1993.
- OLIVEN, Ruben. **A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-nação.** Petrópolis: Vozes, 2006 (2^a edição).
- RIVIÈRE, Claude. **Ritos Profanos.** Petrópolis: Vozes, 2000.
- THIESSE, Anne Marie. **A construção das identidades nacionais.** Lisboa : Temas e debates, 2001.
- TEIXIERA, Sérgio Alves. **Os Recados das festas.** Rio de Janeiro: FUNARTE, 1988.
- WULF, Christoph. **Antropologia da Educação.** Campinas. Ed. Alínea, 2005.